

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Beatriz Tinôco Silva Pena Magalhães

Disputa simbólica entre variantes do português na mídia:
Análise da cobertura jornalística sobre a influência do Brasil em Portugal

Mariana

2025

Beatriz Tinôco Silva Pena Magalhães

Disputa simbólica entre variantes do português na mídia:

Análise da cobertura jornalística sobre a influência do Brasil em Portugal

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Denise Figueiredo Barros do Prado

Mariana

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M188d Magalhães, Beatriz Tinôco Silva Pena.

Disputa simbólica entre variantes do português na mídia
[manuscrito]: análise da cobertura jornalística sobre a influência do Brasil
em Portugal. / Beatriz Tinôco Silva Pena Magalhães. - 2025.
50 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Linguagem e história. 2. Língua portuguesa - Brasil. 3. Jornalismo -
Linguagem. I. Prado, Denise Figueiredo Barros do. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 811.134.3:316.77

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Beatriz Tinôco Silva Pena Magalhães

Disputa simbólica entre variantes do português na mídia: Análise da cobertura jornalística sobre a influência do Brasil em Portugal

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em 15 de agosto de 2025.

Membros da banca

Dr.^a Denise Figueiredo Barros do Prado - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr.^a Hila Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Rondon Marques - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof.^a Dr.^a Denise Figueiredo Barros do Prado, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/11/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Denise Figueiredo Barros do Prado, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/11/2025, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1020528** e o código CRC **95248F3A**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.015334/2025-31

SEI nº 1020528

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3558-2275 - www.ufop.br

Agradecimentos

Este trabalho nasce de muitas vivências, encontros, afetos e desconfortos que, ao longo da minha trajetória como estudante, tive o prazer de experimentar, e me fizeram enxergar a língua e a linguagem como muito mais do que instrumentos de comunicação, mas como territórios de identidade, pertencimento e resistência.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Denise Figueiredo Barros do Prado, que por ventura e queda de paraquedas me acolheu no ano passado, pela escuta e por me incentivar a transformar inquietações pessoais em pesquisa crítica e consistente. Sua orientação foi fundamental para que este trabalho ganhasse forma, profundidade e direção, a ti meu muito obrigada por tanto.

À minha família, pelo amor, apoio constante e por sempre acreditarem no meu percurso, mesmo nos momentos de dúvida, que vieram muitas vezes. Sem vocês, eu não teria conseguido atravessar tantas fronteiras, internas e, principalmente, externas e territoriais.

Aos colegas e professores do curso de Jornalismo, pela troca, pelas leituras, pelos debates e pelas partilhas. Cada disciplina, cada conversa e cada aula me aproximaram de outras formas de ver e escrever o mundo.

A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ao Programa de Mobilidade Acadêmica da UFOP e à Universidade do Porto, por terem possibilitado uma das experiências mais transformadoras da minha vida. Durante os sete meses que vivi em Portugal, experimentei o encantamento da descoberta, mas também enfrentei desafios que me fizeram crescer. Foi lá que senti, de forma intensa, o peso da xenofobia, do machismo e da estranheza de ser estrangeira. Mas foi também lá que aprendi a me reinventar como estudante e mulher. Esse trabalho é, antes de tudo, resultado desse atravessamento de espaços físicos e da língua.

Por fim, agradeço às vivências. Às que me feriram, às que me acolheram e às que hoje me constituem. Que este Trabalho de Conclusão de Curso sirva como um convite a pensar a linguagem como potência — e nunca como prisão.

Com amor, Beatriz Tinôco

Resumo

Este trabalho analisa as disputas simbólicas entre as variantes do português faladas no Brasil e em Portugal, com foco na cobertura jornalística sobre a influência do português brasileiro no contexto lusitano. A pesquisa parte de uma abordagem teórica fundamentada em autores como Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Nelson Maldonado-Torres, Lélia Gonzalez e bell hooks, dialogando com os conceitos de colonialidade, linguagem e poder. A partir do método do enquadramento (framing), foram examinadas reportagens publicadas entre 2020 e 2024 em veículos do Brasil e de Portugal, que abordam o impacto da linguagem brasileira sobre a fala de jovens portugueses. Os resultados indicam que o português brasileiro ocupa, atualmente, posição central nas trocas culturais e midiáticas dentro da lusofonia, tensionando antigas hierarquias coloniais e revelando a língua como território de resistência, identidade e disputa simbólica.

Palavras-chave: lusofonia; linguagem; colonialidade; português brasileiro; enquadramento midiático.

Abstract

This research analyzes the symbolic disputes between the Portuguese language variants spoken in Brazil and Portugal, focusing on journalistic coverage of the Brazilian Portuguese influence in the Lusitanian context. The study is based on theoretical contributions from authors such as Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Nelson Maldonado-Torres, Lélia Gonzalez, and bell hooks, addressing concepts of coloniality, language, and power. Using the framing method, news reports published between 2020 and 2024 in Brazilian and Portuguese media outlets were examined to understand how Brazilian Portuguese affects the speech of young Portuguese speakers. The results show that Brazilian Portuguese currently occupies a central position in cultural and media exchanges within the Lusophone world, challenging former colonial hierarchies and revealing language as a space of resistance, identity, and symbolic struggle.

Keywords: Lusophony; language; coloniality; Brazilian Portuguese; media framing.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I : Discussão da Linguagem	11
1.1 Contexto Histórico.....	11
1.2 Colonização e Imposição Cultural.....	13
1.3 Língua E Linguagem Como Fenômenos Vivos	15
1.4 O Projeto da Lusofonia	17
1.5 Dinâmicas da Circulação e Influência Cultural do Português.....	19
1.6 Construção de uma comunidade de falantes: Herança e Luta Cultural	21
1.7 Redes Digitais e o Impacto do Português Brasileiro	23
1.8 Enquadramento e a Metáfora de Calabar	24
Capítulo 2: Metodologia e Análise	27
2.1 Enquadramento como Método de Investigação	27
2.2 Material Empírico e Estratégias de Coleta.....	29
2.3 Categorias Analíticas e Tendências Linguísticas no Espaço Digital.....	38
2.3.1 A "Avalanche" de Conteúdo Brasileiro	39
2.3.2 Entre o Efêmero e o Permanente.....	41
2.3.3 O Papel da Escola e da Família.....	43
2.3.4 Síntese analítica: A Linguagem como Território de Disputa e Potência Simbólica.....	45
Conclusão	47
Referências Bibliográficas.....	49
Referências do Material Empírico	51

Introdução

A língua portuguesa, compartilhada por diversas nações, carrega um legado histórico e cultural profundamente enraizado nas dinâmicas de colonização, nas trocas simbólicas e nas interações globais contemporâneas. No contexto da lusofonia, observa-se uma constante negociação entre as variantes do idioma, sobretudo entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal. Este trabalho investiga como a tensão linguística entre essas duas variantes é construída, percebida e enquadrada pela cobertura midiática contemporânea, entendendo a língua e a linguagem como formas de disputa simbólica entre nações. O foco recai especialmente sobre a maneira como o português brasileiro tem influenciado o vocabulário e as práticas linguísticas em Portugal, particularmente entre crianças e jovens, por meio da presença marcante de youtubers brasileiros e da circulação intensa de conteúdo digital.

A escolha deste tema nasce não apenas de um interesse teórico, mas também de uma experiência pessoal vivida em 2024, durante um intercâmbio acadêmico na cidade do Porto, em Portugal. Durante sete meses, tive a oportunidade de vivenciar diretamente as interações culturais e linguísticas entre Brasil e Portugal, em contato com estudantes, professores e diferentes espaços da vida pública e acadêmica portuguesa. Cursando quatro disciplinas — *Introdução ao Cinema, Ética e Deontologia Profissional, Comunicação Empresarial e Espanhol A1* — aprofundei não apenas conhecimentos técnicos e teóricos, mas também desenvolvi habilidades interculturais, vivenciando, na prática, os desafios e as riquezas do diálogo entre variantes do português. Essa experiência foi, ao mesmo tempo, transformadora e desafiadora.

Ao lado de momentos de aprendizado, crescimento e descobertas, também enfrentei situações marcadas por xenofobia, misoginia e machismo, que revelaram tensões identitárias e estruturais mais visíveis naquele contexto do que eu havia vivenciado no Brasil. Esses contrastes instigaram ainda mais minha vontade de investigar como essas disputas simbólicas se manifestam na língua e como a linguagem reflete relações de poder, pertencimento e exclusão. A pesquisa aqui desenvolvida parte, então, de uma perspectiva pessoal, acadêmica e crítica. O tema “Disputa simbólica entre variantes do português na mídia: Análise da cobertura jornalística sobre a influência do Brasil em Portugal” foi escolhido como forma de compreender as camadas dessa convivência entre as variantes do português — seja pela valorização e integração, seja pelo incômodo e resistência.

Por meio de uma análise empírica de reportagens e materiais midiáticos, busca-se examinar como a mídia tem representado essa influência linguística, considerando elementos

como manchetes, narrativas, escolhas vocabulares, imagens e estratégias discursivas. O objetivo é compreender não apenas os conteúdos em si, mas também os enquadramentos utilizados para narrar essa aproximação linguística e as implicações identitárias que dela derivam. Essa análise procura evidenciar que os usos da língua portuguesa, em diferentes contextos, podem gerar novas formas de comunicação, ressignificação de identidades e também tensões culturais. Em muitas matérias, observa-se uma celebração da troca cultural pelos mais jovens; em outras, nota-se o receio da perda de uma identidade linguística nacional, sobretudo por grupos mais conservadores.

O medo da perda de uma suposta “pureza” da língua reflete uma resistência à mudança, enquanto as novas gerações compreendem essa mescla como parte de uma identidade em transformação constante. Esse cenário revela a língua como um fenômeno vivo e mutável, capaz de conectar povos, mas também de suscitar disputas sobre pertencimento, autoridade e representação. Como argumenta Bourdieu (1991), a língua é um espaço de poder, em que diferentes grupos lutam pela autoridade de definir o padrão legítimo da fala. Ao observar as transmissões e representações midiáticas sobre o impacto da linguagem brasileira em Portugal, busca-se compreender se essas trocas promovem, de fato, uma valorização das variedades do português no mundo ou se reforçam estruturas coloniais ainda persistentes.

A partir da minha experiência enquanto estudante, mulher, brasileira e pesquisadora em território português, este trabalho se propõe a analisar como a linguagem opera como território de resistência, transformação e, acima de tudo, disputa simbólica.

Capítulo I : Discussão da Linguagem

1.1 Contexto Histórico

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, tanto Portugal quanto às terras que viriam a ser colonizadas passavam por processos históricos individuais e distintos, mas que se conectaram de maneira determinante no contexto da expansão marítima e colonial europeia. Portugal consolidou-se como uma das primeiras nações-Estado unificadas do continente europeu, envolto em profundas transformações políticas, econômicas e culturais ao longo dos séculos XIV e XV. Com a Revolução de Avis (1383–1385), que garantiu a independência do país frente à ameaça castelhana, a monarquia portuguesa, sob a liderança de Dom João I, fortaleceu seu poder e inaugurou um período de intensos investimentos na navegação e no comércio marítimo.

A expansão portuguesa foi impulsionada por fatores diversos, entre eles: a busca por novas rotas comerciais, afastando o domínio das cidades italianas no mercado oriental; o interesse por recursos naturais valiosos, como ouro e especiarias; a expansão da fé cristã, por meio da Ordem de Cristo, que financiou as expedições; e o desenvolvimento de técnicas náuticas, como o uso de bússolas, astrolábios e caravelas. Esse conjunto de elementos configurou o início do expansionismo lusitano, marcado pela conquista de Ceuta, em 1415 — episódio que representa o início da presença militar e comercial portuguesa fora da Europa. A partir disso, instalaram-se feitorias e rotas comerciais, sustentadas pela sistemática escravização da população africana — um dos pilares da economia colonial nos séculos seguintes (BOXER, 1973; RUSSELL-WOOD, 1998).

Enquanto Portugal expandia suas fronteiras por meio de práticas coloniais, o território que futuramente seria chamado de Brasil era habitado por uma complexa rede de povos originários, estimada entre três e cinco milhões de pessoas (HÉRON, 2013). Esses povos falavam centenas de línguas e formavam sistemas culturais e políticos diversos. As principais matrizes linguísticas eram as dos troncos Tupi, Macro-Jê, Karib e Aruak. Suas formas de vida envolviam agricultura de subsistência, pesca, caça, rituais religiosos e uma estreita relação simbólica com a natureza.

A invasão portuguesa em 1500 deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo de globalização, pautado na dominação econômica, cultural e simbólica. A presença europeia não apenas instaurou uma nova ordem político-econômica, mas também promoveu uma reconfiguração violenta das práticas sociais dos povos indígenas. Houve guerras,

massacres, escravizações e tentativas de apagamento cultural. Ao mesmo tempo, esse processo gerou resistência e adaptação, resultando em identidades híbridas, práticas sincréticas e variações linguísticas que hoje moldam o Brasil como um país plural e diverso.

A relação entre língua e dominação torna-se central nesse cenário. Como lembra Severo (2021), a imposição do português não significou apenas a substituição do vocabulário, mas uma tentativa de controle epistemológico: apagaram-se visões indígenas, classificações do mundo, memórias orais e narrativas ancestrais. A língua foi, portanto, instrumento de dominação simbólica — contudo, também se constituiu como campo de batalha para resistências, como será discutido adiante. Lélia Gonzalez (1984) é fundamental nesse debate ao afirmar que as diferenças entre o português europeu e o português brasileiro revelam um racismo estrutural presente nas formas de legitimação das variantes linguísticas. Para Gonzalez, a língua não é neutra: ela carrega as marcas da violência histórica, da diáspora africana e da resistência cultural. É nesse contexto que surge o conceito de “pretuguês”, expressão que representa a apropriação e transformação da língua portuguesa pelas populações negras do Brasil — um movimento de insurgência linguística contra a norma hegemônica.

Conforme explica Anderson (2005), as línguas nacionais são elementos fundamentais na construção das identidades modernas, pois unificam símbolos, valores e memórias em torno de um imaginário coletivo. No entanto, quando imposta pela força, como no caso do português colonial, a língua passa a exercer uma função de silenciamento. Por isso, o conflito entre o português do Brasil e o de Portugal não é apenas linguístico, mas profundamente simbólico: trata-se de uma disputa pelo direito à fala legítima, à memória e à identidade.

Esse cenário de disputa é perceptível até os dias atuais, especialmente na forma como o português brasileiro é recebido em outros países lusófonos (e, como experiência desta autora, nem sempre de maneira acolhedora). A desvalorização da variante brasileira — vista, muitas vezes, como informal ou “errada” — está diretamente relacionada à hierarquia construída historicamente entre colônia e metrópole. Em contrapartida, o português brasileiro, com sua expressividade, vivacidade, criatividade e abrangência cultural, tem ganhado espaço como referência internacional, desestabilizando antigos centros de poder linguístico.

Dessa forma, ao compreendermos o contexto histórico da expansão marítima e da colonização portuguesa, é possível perceber que a língua não foi apenas um meio de comunicação, mas também um território de embates, silenciamentos e resistências. É justamente nessa tensão que se constrói a luta simbólica que este trabalho busca investigar: o direito de o Brasil ser reconhecido como voz legítima dentro da comunidade lusófona e como protagonista da transformação da língua portuguesa no mundo.

1.2 Colonização e Imposição Cultural

No período de expansão colonialista, o domínio português cresceu de forma significativa, estendendo-se das grandes navegações até a colonização de diversos territórios. Durante esse processo, a cultura e a língua europeia foram impostas às populações locais, consolidando o português falado em Portugal como um dos principais idiomas de comunicação global da época. Nesse contexto de expansão territorial, Martins, Souza e Cabecinhas (2006, p. 9-10) explicam: “A expansão do Império Português levou a língua portuguesa a diversos continentes, como África, América do Sul e Ásia, moldando identidades linguísticas em contextos coloniais e pós-coloniais.”

O processo colonizador esteve intrinsecamente ligado a conflitos de interesse, poder e dominação. A imposição da língua portuguesa não se limitou a um meio de comunicação, mas também serviu como ferramenta de controle social e homogeneização cultural. Conforme Moita Lopes (2013, p. 14) afirma: “A imposição de uma nova forma de se comunicar resultou em profundas mudanças organizacionais e culturais em diversos países, como Brasil e Angola, colonizados por Portugal.” Em territórios como Brasil, Angola e Moçambique, a língua portuguesa sobrepôs-se às línguas nativas, impactando tanto as populações indígenas quanto as populações negras escravizadas. Esse processo resultou no epistemicídio, ou seja, no apagamento e desvalorização dos saberes e expressões culturais dos povos originários e africanos, impondo uma hegemonia cultural e epistemológica.

A colonização não se restringiu à ocupação territorial e econômica, promovendo também uma violenta imposição cultural, religiosa e linguística. A língua portuguesa tornou-se um dos principais instrumentos de poder, marginalizando gradativamente as línguas locais e padronizando a comunicação de acordo com os interesses da metrópole. Essa lógica é o que Quijano (2005) denomina como parte da “colonialidade do poder”, em que a dominação se sustenta pela imposição do saber e do ser europeu como referência universal, desqualificando o outro como inferior e exótico.

Entretanto, esse processo também gerou resistência. Os povos submetidos ao novo idioma não apenas o adotaram, mas o transformaram, criando variantes linguísticas ricas em identidade e diversidade. A escritora bell hooks (2008), em seu artigo “Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens”, traz uma reflexão essencial sobre esse processo. Parafraseando Adrienne Rich, ela afirma: “Essa é a língua do opressor, no entanto, eu preciso dela para falar com você” (hooks, 2008, p. 859). Em seu estudo, hooks investiga como a língua imposta pelo

opressor pode ser ressignificada como ferramenta de resistência, sendo apropriada pelos povos colonizados como espaço de luta.

Lélia Gonzalez (1988, p. 1) também discute essa questão dentro do conceito de transculturação, que se refere às transformações culturais provocadas pelo contato entre diferentes sociedades: “A língua, enquanto prática cultural, é espaço de resistência, onde os sujeitos subalternos articulam suas formas de significar o mundo.” Para Gonzalez, a experiência do “pretuguês” representa uma apropriação criativa e política da língua portuguesa pelas populações negras do Brasil, permitindo o enraizamento de saberes e práticas culturais africanas no idioma imposto.

Dessa forma, a imposição da língua portuguesa nos territórios colonizados foi um processo de dominação, mas também gerou novas identidades linguísticas e culturais, resultando em formas híbridas e ressignificadas de expressão. O conceito de lusofonia, que será amplamente abordado neste material, está diretamente relacionado ao processo histórico de colonização portuguesa. Segundo Martins (2006, p. 17):

Diante do imparável processo da globalização cosmopolita, deslocalizando-nos e desfazendo fronteiras, a lusofonia emerge como uma globalização multiculturalista, alimentada por territórios, memórias e paisagens vivos e concretos. (Martins, 2006, p. 17)

Atualmente, o português é a língua oficial de nove países, formando um espaço geolinguístico diverso e marcado por contradições históricas do colonialismo. Embora a lusofonia possa ser vista como um fator de unificação, ela também carrega marcas profundas do poder imperial português e das relações assimétricas entre os territórios colonizados e a metrópole. No mundo contemporâneo, a globalização intensifica as trocas linguísticas e culturais, ampliando a comunicação entre os países lusófonos, mas também gerando desafios na preservação das identidades culturais locais. Como destacam Martins, Souza e Cabecinhas (2006, p. 9-10): “A lusofonia é uma construção extraordinariamente difícil. É um espaço geolinguístico altamente fragmentado, um sentimento pleno de contradições, uma memória de um passado comum, uma cultura múltipla e uma tensa história partilhada.”

As influências recíprocas entre Brasil e Portugal continuam a se manifestar na atualidade. Um dos fenômenos mais visíveis é o impacto da produção audiovisual brasileira no vocabulário e nas expressões culturais de Portugal. Toledo (2023, p. 2) aponta que a produção audiovisual brasileira, especialmente na internet, ultrapassa fronteiras culturais, influenciando públicos em

diversas partes do mundo. Essa troca não apenas molda vocabulários locais, mas também redefine representações culturais.

A presença digital intensificou essa interação, permitindo que influenciadores brasileiros impactem o cotidiano linguístico dos jovens portugueses. Esse processo reforça a dinamicidade da lusofonia, que continua a se transformar, refletindo tanto os legados coloniais quanto as novas formas de troca cultural possibilitadas pela globalização. Como aponta Dussel (2000), os povos antes colonizados agora disputam o lugar de fala e de produção simbólica no cenário global, mostrando que a linguagem é um campo vivo de resistência, negociação e transformação.

1.3 Língua E Linguagem Como Fenômenos Vivos

A linguagem é um fenômeno fluido, dinâmico e multifacetado, que acompanha a trajetória da humanidade em sua necessidade de comunicação, expressão e constituição de sentidos. Ao contrário de uma estrutura fixa e estática, a linguagem é viva, mutável e enraizada nas experiências sociais e culturais dos indivíduos. Como destaca Moita Lopes (2013), ela não se limita à transmissão de informações, mas constitui um espaço de disputa, de construção de identidades e de resistência. A língua não é apenas uma ferramenta para organizar o pensamento; ela é também um instrumento simbólico de poder, de enunciação de saberes e de partilha de memórias coletivas. No campo da linguística crítica, estudiosos como José Luiz Fiorin e Luiz Antônio Marcuschi enfatizam que o sentido das palavras é construído nas práticas sociais, não sendo um dado fixo, mas uma negociação permanente entre os sujeitos (Fiorin; Moita Lopes, 2013, p. 14). Como observa Fiorin:

A questão da língua nacional enuncia-se a partir do século XVIII, quando a construção da identidade nacional apoia-se na consciência de que os membros de uma comunidade nacional tinham em comum o fato de pertencer a um dado campo linguístico (Fiorin, Moita Lopes, 2013, p. 14).

A língua nacional, portanto, não é uma herança neutra, mas o resultado de processos históricos e políticos de padronização, exclusão e hierarquização de formas de fala. Em contextos coloniais, como o do Brasil, a língua portuguesa foi imposta como norma dominante, ao passo que as línguas indígenas e africanas foram marginalizadas, silenciadas e reduzidas a registros folclóricos. Trata-se de um projeto de poder linguístico que, como observa Walter Mignolo (2012), integra a colonialidade do saber e do ser. No entanto, a imposição linguística

não se deu sem resistências. A apropriação criativa da língua do colonizador, bem como sua subversão por meio da oralidade, da musicalidade e da performance cotidiana, demonstra que a linguagem pode ser também um território de insurgência. Bell hooks (2008) defende que falar a língua do opressor pode ser, paradoxalmente, uma estratégia de enfrentamento e sobrevivência: "Mesmo quando estamos usando a língua que herdamos do opressor, é possível, com criatividade, transformá-la em uma linguagem insurgente."

Essa linguagem insurgente está presente, por exemplo, no "pretuguês" de Lélia Gonzalez, que ressignifica a presença negra na formação da língua portuguesa falada no Brasil. Para Gonzalez (1984), o português brasileiro não pode ser compreendido fora da contribuição dos povos africanos escravizados, cuja influência fonética, semântica e sintática foi sistematicamente invisibilizada em nome de uma suposta pureza da norma europeia. O "pretuguês" é, assim, mais do que um termo provocador: é um conceito político que reivindica um lugar de fala e uma epistemologia própria. Ricardo Lima (2012) sintetiza essa perspectiva ao afirmar: "A língua é viva porque está sendo usada sempre, em vários contextos, em várias situações, o que faz com que ela tenha novos usos e novas possibilidades. Isso acontece tanto no espaço quanto no tempo" (Lima, 2012, p. 01).

Essa vitalidade da linguagem reflete-se nas inúmeras variações regionais do português falado no Brasil, nos neologismos, nas gírias, nos empréstimos de outras línguas e na invenção cotidiana das formas de dizer e de se comunicar. Tais variações não são desvios da norma, mas expressões legítimas da diversidade cultural do país, devendo ser compreendidas como produtos históricos, afetivos e políticos.

No cenário contemporâneo, marcado pela globalização e pela digitalização das relações sociais, a língua portuguesa passa a circular por novos espaços e a se encontrar com outras formas de expressão. A internet, as redes sociais, os aplicativos de mensagens e as plataformas de vídeo potencializam a visibilidade das múltiplas maneiras de falar e escrever. Isso tem gerado tanto aproximações quanto tensões, especialmente entre o português do Brasil e o de Portugal. Como observa Martins (2006, p.10), a língua torna-se um espaço dinâmico e interativo, onde culturas distintas não apenas se encontram, mas também produzem novas sínteses, tensionam hierarquias e reinventam sentidos: "A globalização multiculturalista alimenta-se de um imaginário de territórios, memórias e paisagens vivos e concretos."

Nesse sentido, a linguagem deve ser compreendida como um campo simbólico de disputa por reconhecimento, visibilidade e dignidade. A marginalização de formas de se falar — como o português de classes populares, comunidades negras ou regiões periféricas — revela não apenas preconceito linguístico, mas uma tentativa de apagar histórias, saberes e modos de vida.

Como explicita Maldonado-Torres (2007), a linguagem está no cerne da colonialidade do ser. A forma como falamos, somos ouvidos e compreendidos afeta o lugar que ocupamos no mundo. Portanto, lutar pelo reconhecimento das diferentes formas do português — especialmente do português brasileiro — é lutar contra uma estrutura hierárquica de poder herdada do colonialismo. Compreender a língua e a linguagem como fenômenos vivos é reconhecer que elas não apenas refletem, mas também produzem e desafiam as realidades sociais. Elas são, ao mesmo tempo, instrumento e cenário da luta por pertencimento, memória e futuro de uma nação.

1.4 O Projeto da Lusofonia

O contexto da lusofonia envolve um conjunto de países e/ou comunidades que compartilham uma mesma língua, todos herdeiros de um processo histórico marcado pela expansão marítima portuguesa e pela lógica colonial. O termo “lusofonia” deriva de “Lusitânia”, nome dado pelos romanos à região correspondente ao atual território português, e foi ressignificado como designação de uma comunidade linguística transnacional, unida pelo uso do português. No entanto, essa união é marcada por assimetrias de poder e disputas simbólicas. A lusofonia, longe de ser apenas um conceito linguístico, é também político e ideológico. A expansão do Império Português não se limitou à difusão da língua, mas impôs o português como ferramenta de controle sobre povos originários e africanos, resultando na marginalização de saberes e línguas nativas. Conforme apontam Martins, Souza e Cabecinhas (2006), a construção da lusofonia deve ser compreendida à luz das relações coloniais que a engendraram:

A lusofonia é uma construção extraordinariamente difícil. É um espaço geolinguístico altamente fragmentado, um sentimento pleno de contradições, uma memória de um passado comum, uma cultura múltipla e uma tensa história partilhada. (Martins; Souza; Cabecinhas, 2006, p. 10)

Ao impor um processo de inserção cultural e linguística nos territórios da África, América do Sul e Ásia, a colonização transformou a comunicação em um instrumento de poder. Entretanto, essa ferramenta de dominação também foi apropriada e ressignificada pelos povos colonizados, que criaram variantes próprias da língua portuguesa, impregnadas de suas histórias, resistências e vivências. Como destaca Quijano (2005), a linguagem é uma das

dimensões da colonialidade do poder, constituindo também um campo onde se disputam epistemologias e identidades.

Com a independência das colônias, surgiram possibilidades de desenvolvimento de identidades nacionais próprias, embora ainda marcadas pelas heranças coloniais. Nesse contexto, a lusofonia deixa de ser uma simples comunidade linguística para se tornar um espaço de constante negociação de memórias, tradições, culturas e identidades. A ideia de comunidade lusófona, segundo Maldonado-Torres (2007), não pode ser compreendida fora da lógica da colonialidade, que persiste mesmo após o fim das administrações coloniais formais. Contudo, a complexidade desse fenômeno também revela possibilidades de resistência e reconfiguração. Embora a língua portuguesa una diversos países, essa unidade não é isenta de disputas e hierarquias. A imposição da língua operou como instrumento de dominação, silenciando saberes e identidades locais. Nesse sentido, Lopes (2013, p. 14) aponta que a presença do português em múltiplos territórios não apenas conecta ex-colônias, mas também evidencia conflitos históricos e relações de poder desiguais:

A língua portuguesa, presente em diversos continentes, traz em si um complexo histórico-cultural que conecta as ex-colônias, mas também carrega tensões de identidade geradas pelo colonialismo (Moita Lopes, 2013, p. 14).

Essas tensões se revelam nas disputas entre variantes da língua portuguesa. A hegemonia do português europeu como norma culta internacional, muitas vezes reafirmada por instituições como o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, perpetua uma lógica de subalternização das outras formas de falar. Isso afeta especialmente o português brasileiro, cuja legitimidade enquanto norma autônoma ainda é questionada em contextos internacionais. O debate sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP) é um exemplo contemporâneo dessa disputa simbólica. Além das diferenças estruturais da língua, existem desafios significativos, como preconceitos linguísticos, xenofobia cultural e desigualdades sociais e raciais. A língua torna-se um marcador de exclusão ou de pertencimento, conforme o lugar social e político ocupado por quem fala. Nesse sentido, a linguagem pode ser tanto um veículo de opressão quanto uma ferramenta de resistência.

Gonzalez (1984) observa que: “As diferenças linguísticas entre o português do Brasil e de Portugal revelam não apenas processos históricos, mas também um racismo internalizado na hierarquia das variantes do idioma.” A autora introduz o conceito de “pretuguês” para destacar a forma como o português falado pelas populações negras no Brasil é sistematicamente desqualificado e deslegitimado. Essa desvalorização não é neutra, mas fruto de um processo de

racialização da linguagem, que hierarquiza formas de expressão com base em estruturas coloniais. O “pretuguês”, ao contrário, reivindica a centralidade das experiências negras na formação da língua nacional.

Portanto, o projeto da lusofonia deve ser analisado de maneira crítica, reconhecendo tanto seus potenciais integradores quanto suas contradições históricas. O uso do português por mais de 260 milhões de pessoas no mundo é um dado relevante, mas não suficiente para encobrir as disputas de poder que atravessam essa comunidade linguística. A língua, nesse cenário, é um campo de embate e de reinvenção constante, onde os sujeitos historicamente subalternizados exigem o direito de falar — e de serem ouvidos — com legitimidade, autonomia e identidade.

Como afirma Anderson (2005), as nações são “comunidades imaginadas”, construídas por meio de símbolos compartilhados. A lusofonia, enquanto comunidade imaginada, precisa ser pensada não como um prolongamento da metrópole portuguesa, mas como um espaço polifônico, de múltiplas vozes e pertencimentos, independentemente da geolocalização. Para isso, é necessário reconhecer o português brasileiro como uma referência legítima e influente, fruto de processos históricos próprios e de uma produção cultural potente, que hoje transcende fronteiras e ressignifica a própria ideia de lusofonia.

1.5 Dinâmicas da Circulação e Influência Cultural do Português

A circulação contemporânea do idioma português, especialmente entre Brasil e Portugal, não ocorre em um vácuo cultural ou histórico. Trata-se de um processo transacional e simbólico, marcado por fluxos comunicacionais assimétricos, reforçados pela globalização digital e por um cenário midiático dominado pela produção brasileira. A língua portuguesa, portanto, não circula apenas como código linguístico, mas como mercadoria cultural, forma de poder simbólico e instrumento de influência internacional. De acordo com Dallari (2021), no contexto globalizado coexistem dois movimentos simultâneos: de um lado, a busca por códigos comuns que facilitem a comunicação; de outro, a necessidade de afirmação das identidades locais. Essa tensão se manifesta claramente na forma como o português brasileiro, por meio da produção cultural digital, tem influenciado o vocabulário, os hábitos e as referências culturais de jovens portugueses. As plataformas de vídeo, redes sociais e aplicativos de comunicação são ambientes em que essa disputa simbólica se intensifica. Influenciadores digitais, youtubers, artistas e produtores de conteúdo brasileiros ocupam espaços de destaque, gerando um processo de imersão e assimilação linguística.

Segundo Toledo e Faria (2023), a produção audiovisual brasileira apresenta números expressivos de visualizações não apenas no território nacional, mas também em países lusófonos, em especial Portugal. Isso tem implicado na adoção de gírias, expressões idiomáticas e formas de pronúncia características do português do Brasil por jovens portugueses. Rocha e Rabello (2023) relatam que pais portugueses percebem a influência crescente do português "brasileiro" no vocabulário de seus filhos, e linguistas como Kerolyn Sarate associam essa incorporação à intensa circulação de conteúdos digitais produzidos no Brasil. Sarate (2023) reforça que essa difusão não implica, necessariamente, uma valorização consciente do português brasileiro, mas é efeito de um contato cultural intensificado por mídias audiovisuais, que tornam a linguagem mais acessível e presente no cotidiano dos falantes.

Esse fenômeno deve ser compreendido à luz das ideias de Pierre Bourdieu (1991), para quem a linguagem opera como capital simbólico. O prestígio de uma variante linguística não depende apenas de sua estrutura, mas de quem a fala e em quais contextos. Assim, o português brasileiro, impulsionado por sua visibilidade midiática e pela potência cultural do Brasil, conquista espaços na esfera pública internacional, desafiando a norma lusitana tradicional. No entanto, esse movimento não é isento de tensões. A aceitação crescente do português brasileiro em Portugal e em outros países lusófonos gera incômodo em setores conservadores da sociedade portuguesa, que veem na mudança um risco à integridade de sua identidade linguística. Cerqueira (2024) observa que a influência brasileira é percebida por muitos como uma ameaça à norma-padrão europeia, revelando o caráter ideológico da disputa pela hegemonia dentro da lusofonia. Mais do que um simples intercâmbio, a circulação da língua entre Brasil e Portugal assume contornos de resistência cultural.

Conforme explica Lélia Gonzalez (1988), a linguagem carrega marcas do racismo estrutural e da colonialidade. A variante brasileira, fortemente marcada pelas contribuições indígenas e africanas, historicamente desvalorizadas, tem sua legitimidade questionada, mesmo sendo a mais falada e difundida globalmente entre os falantes de português. Isso evidencia que o conflito linguístico é, na verdade, um conflito de reconhecimento. A lógica transacional da circulação do português, portanto, envolve disputa de narrativas, poder e afirmação cultural. Segundo Anderson (2005), as línguas contribuem para a formação das “comunidades imaginadas”, ou seja, aquelas que partilham símbolos, memórias e sentidos coletivos. O português do Brasil, nesse processo, deixa de ser visto como uma simples variação e passa a disputar espaço como língua legitimada, influente e capaz de produzir conhecimento e cultura de forma autônoma.

Essa reconfiguração do português não é unidirecional. Também há trocas, influências e adaptações no sentido contrário; no entanto, o fluxo dominante tem partido do Brasil para os demais países, principalmente Portugal, evidenciando uma inversão parcial da lógica colonial. Se antes era a metrópole que definia os padrões, hoje é a antiga colônia que ocupa posição central na circulação cultural dentro do espaço lusófono. Essa inversão, contudo, não anula os vestígios da colonialidade. Como ressalta Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do ser e do saber persiste nas relações culturais e linguísticas, mesmo quando a produção vem dos países outrora colonizados. Por isso, é fundamental problematizar esse novo lugar de fala e questionar o que significa protagonizar a língua dentro de um espaço que ainda carrega marcas de opressão.

Por fim, o estudo das dinâmicas da circulação do português deve considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas sobretudo os contextos históricos, culturais e políticos em que ocorre. O português é, ao mesmo tempo, instrumento de comunicação e campo de embate simbólico. O reconhecimento do português brasileiro como variante legítima e influente integra uma luta maior pela descolonização dos saberes, discursos e identidades. Como observa Moita Lopes (2013), a linguagem é sempre um lugar de negociação e disputa. No caso da lusofonia contemporânea, essa negociação envolve o desafio de coexistir com a diferença, reconhecer múltiplos centros de produção linguística e romper com a lógica hierárquica que historicamente privilegiou o português europeu. O futuro da língua portuguesa dependerá, em grande parte, da capacidade de valorizar a diversidade que a constitui, em vez de reduzi-la a um padrão único e excludente.

1.6 Construção de uma comunidade de falantes: Herança e Luta Cultural

A construção de uma comunidade de falantes da língua portuguesa, no contexto contemporâneo, é atravessada por tensões que remetem a um passado colonial ainda não superado. A língua, longe de ser apenas um instrumento neutro de comunicação, constitui um território de disputa simbólica, identitária e política. Conforme analisa Severo (2021), é impossível discutir o português como patrimônio compartilhado sem considerar as relações coloniais que historicamente definiram o que seria norma e desvio, centro e margem. A globalização digital, por sua vez, acentua essas tensões, ao facilitar a circulação de culturas linguísticas, mas também ao evidenciar as hierarquias que persistem.

Como destaca Glenda Cáceres (2023), o avanço das redes digitais permitiu que o português brasileiro assumisse um novo protagonismo dentro do espaço lusófono,

especialmente através da produção midiática online. Esse fenômeno, entretanto, não ocorre sem resistências. Em sua análise sobre o português no século XXI, Moita Lopes (2013) evidencia como as disputas entre as variantes da língua refletem clivagens profundas entre colonialismo e resistência, tradição e inovação.

O conceito de colonialidade do poder, formulado por Aníbal Quijano e expandido por Maldonado-Torres (2022), ajuda a compreender como essas tensões não se restringem ao passado colonial, mas se atualizam em práticas contemporâneas que moldam as dinâmicas do saber, da linguagem e da representação. A persistência de uma hierarquização entre as variantes do português revela o quanto a língua ainda é usada como instrumento de dominação simbólica. Conforme aponta Glenda Cáceres (2023), essa hierarquização se manifesta, por exemplo, no modo como a mídia portuguesa reporta o uso de termos brasileiros entre crianças e adolescentes, muitas vezes tratando esse fenômeno como uma ameaça à pureza da língua.

A proposta de uma lusofonia integradora, muitas vezes apresentada como uma utopia linguística unificadora, precisa ser confrontada com as realidades de dominação e subalternidade que marcaram e continuam marcando as relações entre os países lusófonos. Como argumenta Martins et al. (2006), a lusofonia é atravessada por uma história comum, mas também por memórias dolorosas e assimetrias persistentes. Essa contradição aparece de forma contundente na tentativa de implementação do Acordo Ortográfico, que, como demonstra Cerqueira (2024), foi percebido por muitos como uma tentativa de padronização imposta, desconsiderando as particularidades culturais e linguísticas de cada nação. Nesse cenário, a emergência do português brasileiro como potência simbólica precisa ser entendida não apenas como reflexo do número de falantes ou da influência cultural do Brasil, mas como um ato político de revalorização da fala historicamente marginalizada. A linguagem torna-se aqui espaço de resistência, como bem aponta Lélia Gonzalez (1984), ao afirmar que a língua, atravessada pelo racismo estrutural e pela colonialidade, pode ser ressignificada por sujeitos subalternizados como forma de afirmação cultural.

A partir das contribuições de linguistas como Ataliba Castilho (2002) e do olhar crítico de autores como Glenda Cáceres e Luciene Severo, é possível vislumbrar uma nova cartografia do português, em que a legitimidade não é mais determinada exclusivamente pelos centros de poder, mas também pela vitalidade e força cultural das margens. A globalização digital, nesse sentido, aparece como um campo de possibilidades, mas também de disputas, onde se definem quais vozes serão ouvidas, quais formas de falar serão legitimadas e quais continuarão sendo invisibilizadas. Dessa forma, a construção de uma comunidade de falantes no século XXI não pode ignorar o legado colonial que sustenta a estrutura da língua e das relações entre suas

variantes. É preciso reconhecer as desigualdades históricas e simbólicas para que se possa, de fato, caminhar em direção a uma lusofonia plural, horizontal e descolonial.

1.7 Redes Digitais e o Impacto do Português Brasileiro

A pandemia da Covid-19 em 2020 representou um marco importante na aceleração das formas de comunicação digital. O confinamento global levou à intensificação do uso das redes sociais, plataformas de vídeo e ferramentas de interação online, desencadeando uma nova lógica de circulação cultural e linguística. Dados apontam que, em 2021, o tempo médio de uso do YouTube aumentou em 91% entre usuários brasileiros (Baptista, 2020), evidenciando o papel central da internet na produção e consumo de conteúdo durante o isolamento. Esse fenômeno ampliou a presença de influenciadores digitais brasileiros no cenário global, promovendo um intercâmbio linguístico marcado pela penetração da variante brasileira da língua portuguesa em diferentes países lusófonos, especialmente Portugal.

No contexto português, essa presença intensa de youtubers e produtores de conteúdo brasileiros provocou mudanças nas práticas linguísticas dos jovens. Reportagens analisadas indicam que crianças e adolescentes em Portugal passaram a adotar expressões, sotaques e vocabulários do português brasileiro em suas interações cotidianas (Rocha; Rabello, 2023; Luz, 2021). De acordo com Glenda Cáceres (2023), esse tipo de mediação cultural evidencia a força simbólica do português brasileiro, que se desloca de uma posição subalterna para assumir um papel de referência nos circuitos midiáticos contemporâneos. A linguagem, nesse processo, torna-se atravessada por disputas de legitimidade, pertencimento e identidade. A pesquisadora Kerolyn Sarate (2023) observa que essa adoção da variante brasileira do português por jovens portugueses não deve ser interpretada como um processo de descaracterização cultural, mas como reflexo direto do contato intenso com a produção audiovisual brasileira. Para ela, “o uso de determinados termos oriundos do Brasil é, em geral, resultado do contato com as mídias sociais de artistas, youtubers e influencers brasileiros” (p. 02), reforçando que o fenômeno está diretamente ligado à circulação cultural globalizada e às novas práticas comunicativas mediadas pelas tecnologias digitais.

As reflexões propostas por Luciene Severo (2021) também são relevantes. A autora aponta que a linguagem, no contexto das plataformas digitais, torna-se um campo de disputas e negociações simbólicas. A ascensão do português brasileiro nas redes, nesse sentido, não é apenas uma questão de audiência ou popularidade, mas uma manifestação concreta das transformações no sistema-mundo linguístico, no qual vozes tradicionalmente periféricas

passam a ganhar centralidade. A colonialidade da linguagem, aqui, é confrontada por novas dinâmicas de circulação que descentralizam o padrão europeu e abrem espaço para a legitimação de outras formas de falar, escrever e criar sentido.

A contribuição de Maldonado-Torres (2008) amplia essa análise ao lembrar que a colonialidade não é apenas uma herança do passado, mas uma estrutura de poder que persiste nas relações globais, inclusive na forma como se definem os modos “corretos” de uso da língua. Nesse sentido, o protagonismo da produção digital brasileira nas plataformas globais pode ser lido como um ato de resistência simbólica, pois rompe com a lógica colonial de subordinação linguística. A língua, como mostra Moita Lopes (2013), é um território em disputa, onde os sujeitos atualizam constantemente seus modos de existência e de pertencimento.

Portanto, o impacto das redes sociais digitais vai além da simples ampliação da visibilidade do português brasileiro. Ele representa uma transformação profunda nas relações linguísticas entre Brasil e Portugal, evidenciando a emergência de um novo cenário de trocas culturais, em que as hierarquias coloniais são tensionadas e reconfiguradas. O espaço virtual torna-se, assim, um território fértil para a construção de uma comunidade de falantes plural, dinâmica e politicamente situada.

1.8 Enquadramento e a Metáfora de Calabar

Para ilustrar o enquadramento simbólico da relação e influência entre as variantes do português faladas no Brasil e em Portugal, a obra *Calabar: O Elogio da Traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra, oferece uma metáfora potente sobre os laços históricos e as tensões entre essas nações. A peça retrata a invasão holandesa no Brasil colônia, no século XVII, e o dilema moral vivido por Domingos Fernandes Calabar, um aliado inicial dos portugueses que, em 1632, decide apoiar os holandeses. Sua decisão, entendida como traição pelos portugueses, pode ser lida como um gesto de ruptura estratégica, resistência e adaptação às dinâmicas políticas em transformação. Essa metáfora reflete simbolicamente o lugar que o Brasil ocupa hoje no cenário linguístico global: um agente ativo que subverte ordens previamente estabelecidas e constrói novas formas de influência cultural.

Assim como Calabar rompe com os modelos impostos e se adapta a novos contextos de poder, o português falado no Brasil se distancia da matriz lusitana e se afirma com legitimidade própria. A língua, nesse contexto, deixa de ser uma herança passiva e passa a ser um território de disputa simbólica, onde se negociam sentidos, posições e identidades. Essa ideia é reforçada por Toledo e Faria (2023), ao analisarem como a produção audiovisual brasileira impacta

diretamente o vocabulário, as expressões e os imaginários linguísticos dos jovens portugueses, contribuindo para a criação de um novo campo de significação cultural.

Contudo, essa circulação linguística não ocorre sem resistências. Setores mais conservadores da sociedade portuguesa manifestam receio diante da ascensão do português brasileiro, interpretando essa influência como uma diluição dos padrões linguísticos tradicionais. Esse temor se expressa, por exemplo, na tentativa de manter a norma culta europeia como forma legítima e superior de expressão, em detrimento das variações oriundas da experiência colonial. Bourdieu (1991) trata a língua como um mercado simbólico, em que determinadas formas de falar adquirem prestígio e legitimidade enquanto outras são marginalizadas. A hierarquização entre o português europeu e o brasileiro reflete, portanto, não apenas uma preferência linguística, mas a continuidade de uma estrutura colonial de poder e dominação simbólica.

Dallari (2020) destaca que, no contexto da globalização, coexistem dois movimentos simultâneos: a busca por códigos linguísticos comuns, que facilitem a integração entre os povos, e a preservação das identidades culturais locais. Essa tensão ajuda a explicar o desconforto que surge diante da crescente influência do português brasileiro em Portugal: enquanto alguns veem essa aproximação como enriquecedora e sinal de conexão cultural, outros a encaram como ameaça à autenticidade nacional.

É importante destacar que esse fenômeno não é unilateral. A metáfora de Calabar também aponta para a complexidade dos posicionamentos frente à língua: não se trata de trair uma identidade, mas de ressignificá-la a partir das transformações culturais e sociais em curso. Como observa Glenda Cáceres (2023), a linguagem deve ser compreendida como campo de disputas e resistências, em que os sujeitos se apropriam dos signos disponíveis para reconfigurar seu lugar no mundo.

Portanto, a metáfora de Calabar funciona como chave interpretativa para entender os desafios e possibilidades da lusofonia contemporânea. A língua portuguesa não é um mero legado colonial, mas um espaço de negociação, conflito e invenção, em que a presença do Brasil é marcada por força, criatividade e capacidade de transformação. A disputa por legitimidade entre as variantes do português é, ao mesmo tempo, reflexo do passado colonial e expressão de um presente que busca romper com estruturas de poder herdadas, instaurando novas formas de pertencimento e expressão cultural.

Nesse sentido, compreender a disputa simbólica entre o português do Brasil e o de Portugal exige não apenas uma abordagem histórica e teórica, mas também uma investigação sobre como essas dinâmicas se manifestam na prática. É justamente a partir desse cenário que

este trabalho recorre a um corpus empírico composto por reportagens jornalísticas recentes, que registram, analisam e interpretam os efeitos contemporâneos da influência da variante brasileira em Portugal. As matérias jornalísticas constituem, portanto, a base concreta de análise, permitindo observar como o discurso público, por meio dos meios de comunicação, contribui para reforçar ou tensionar os sentidos sobre a linguagem, a identidade e a lusofonia no século XXI.

Capítulo 2: Metodologia e Análise

2.1 Enquadramento como Método de Investigação

No campo das ciências humanas e sociais, o modo como os acontecimentos são representados e comunicados pelos meios de comunicação exerce papel fundamental na construção das percepções sociais. O presente trabalho utiliza o enquadramento (*framing*) como método de investigação, por sua capacidade de revelar os mecanismos simbólicos e discursivos que atravessam as representações midiáticas sobre a língua portuguesa. Trata-se de uma escolha metodológica que articula teoria e prática, permitindo compreender as disputas simbólicas em torno das variantes do português no espaço digital contemporâneo.

O conceito de enquadramento está atrelado à maneira como a mídia seleciona e organiza informações para produzir sentido, influenciar interpretações e legitimar determinadas narrativas. Erving Goffman (1986) foi um dos primeiros a discutir o enquadramento no campo das interações sociais, definindo os “frames” como estruturas mentais que orientam a experiência e guiam a ação dos indivíduos diante dos eventos. Posteriormente, no campo da comunicação, Robert Entman (1993) consolidou o conceito como uma prática discursiva dos meios, ao definir o enquadramento como a seleção de alguns aspectos da realidade percebida para torná-los mais salientes em uma narrativa, com o objetivo de promover uma definição do problema, uma explicação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação para resolução.

Nesse sentido, o enquadramento midiático não apenas relata fatos, mas constrói sentidos. Para Entman (1993), os *frames* exercem funções cognitivas, culturais e políticas. Ao enquadrar uma determinada pauta — como o impacto da variante brasileira do português sobre a linguagem de jovens portugueses — a mídia pode reforçar normas linguísticas, naturalizar ideologias ou mobilizar reações sociais, ora de adesão, ora de resistência. É sob essa lógica que o presente trabalho mobiliza o enquadramento como ferramenta metodológica. O objetivo é analisar como veículos jornalísticos contemporâneos constroem narrativas sobre o português falado no Brasil e sua influência sobre os falantes do português europeu, sobretudo no contexto digital. Para isso, considera-se que os discursos jornalísticos são práticas simbólicas que atravessam disputas de poder, linguagem, cultura e identidade (Bourdieu, 1991).

Ao fazer uso da análise de enquadramentos, a proposta é identificar os principais modos pelos quais essas tensões linguísticas são representadas, interpretadas e disputadas nas matérias jornalísticas. Além disso, a escolha pelo enquadramento como método permite observar como

se expressa a colonialidade do saber nas coberturas sobre língua e identidade. Maldonado-Torres (2007) e Quijano (2000) argumentam que o processo de colonização não se encerrou com as independências formais dos países colonizados, mas continua atuante nas formas de pensar, comunicar e significar o mundo. Assim, a forma como a mídia portuguesa e brasileira retratam a influência do português do Brasil pode estar atravessada por ideologias linguísticas que reproduzem hierarquias coloniais, como a tentativa de preservação da “norma culta” europeia como legítima e superior (Severo, 2019).

Do ponto de vista técnico, o método do enquadramento se mostra adequado à análise qualitativa e interpretativa de um conjunto de reportagens, pois permite extrair padrões de representação, estruturas de sentido e valores embutidos nas narrativas. Ao analisar os elementos centrais dos *frames* — como metáforas, vocabulário recorrente, fontes citadas, argumentos principais e estruturas de conflito — é possível compreender as tendências de construção simbólica da língua portuguesa na mídia e as posições ideológicas subjacentes aos discursos.

A proposta aqui é utilizar o enquadramento para destacar as seguintes dimensões:

- Como os jornais selecionam, nomeiam e caracterizam o fenômeno da “influência do português brasileiro”;
- Quais atores sociais são mobilizados nas matérias (pais, professores, linguistas, políticos, jovens etc.);
- Quais valores culturais são reforçados (autenticidade, pureza, ameaça, hibridismo, identidade);
- Quais metáforas, expressões ou títulos são utilizados para significar essa tensão linguística.

Ao mobilizar esse método, pretende-se construir uma análise crítica que dialogue com a perspectiva decolonial e sociolinguística, sem perder de vista a materialidade dos discursos. O enquadramento, portanto, não é apenas uma ferramenta para organizar o corpus de análise, mas um meio para evidenciar as camadas de poder e resistência que estruturam as representações midiáticas da língua portuguesa e suas variantes no contexto lusófono.

2.2 Material Empírico e Estratégias de Coleta

Nesta seção, será apresentada a natureza do material empírico utilizado nesta pesquisa e as estratégias metodológicas adotadas para sua seleção, sistematização e análise. A pesquisa qualitativa aqui desenvolvida se apoia no estudo de textos jornalísticos como fontes documentais e discursivas, tendo como foco reportagens e matérias publicadas entre os anos de 2021 e 2024. O objetivo central é compreender como se dá a disputa simbólica entre variantes linguísticas na cobertura jornalística sobre a influência do português do Brasil em Portugal.

A escolha por utilizar reportagens jornalísticas como material empírico neste trabalho está diretamente relacionada à intenção de compreender como os sentidos sobre a linguagem e a identidade são construídos na esfera pública. A mídia, ao narrar o impacto da variante brasileira do português sobre a realidade portuguesa, especialmente entre crianças e jovens, não apenas informa, mas também legitima determinados discursos, valores e representações. Assim, as matérias analisadas não funcionam como exemplos ilustrativos, mas como fontes centrais para compreender a disputa simbólica em torno da língua, sendo a base concreta a partir da qual se desenvolvem as categorias analíticas deste estudo.

O material empírico foi composto por reportagens de portais jornalísticos renomados, como BBC News Brasil, Jornal da USP, Correio 24 Horas, Diário de Notícias (Portugal), UOL Tilt e Sputnik Brasil. Tais fontes foram escolhidas por trazerem matérias que abordam diretamente a influência da variante brasileira do português em Portugal, o papel das mídias digitais nesse processo e os debates que emergem em torno da identidade linguística lusófona. Entre os exemplos selecionados estão as reportagens de Julia Braun (2024), Melissa Rocha e Rennan Rabello (2023), Paula Sofia Luz (2021), Jorge Marin (2021), Carolina Cerqueira (2024) e Rodrigo Tammaro (2021), todas discutindo o impacto do português brasileiro na fala de jovens portugueses.

A escolha dessas matérias se deu por sua relevância empírica, atualidade e aderência ao problema de pesquisa. O critério de seleção inclui: (1) temas que envolvem a disputa linguística entre Brasil e Portugal; (2) matérias que apresentam vozes diversas, como linguistas, pais, professores e jornalistas portugueses; (3) conteúdos que relacionam o fenômeno linguístico com as redes sociais e a produção de conteúdo digital. O corpus foi organizado em uma matriz interpretativa com os seguintes eixos: tema central, agentes discursivos citados (país, linguistas, jovens), referência ao português brasileiro ou europeu, uso de exemplos linguísticos

e tonalidade da reportagem (neutra, crítica, alarmista, integradora etc.). Essa categorização permitiu o cruzamento de dados discursivos com a fundamentação teórica e histórica apresentada nos capítulos anteriores, possibilitando identificar padrões, tensões e discursos de resistência e dominação simbólica em torno do idioma.

A técnica de análise utilizada foi a análise do enquadramento (*framing*), conforme discutido por Erving Goffman (1986), adaptada ao campo comunicacional por autores como Entman (1993) e ao contexto sociolinguístico por Martins, Souza e Cabecinhas (2006). O enquadramento permite compreender como os discursos jornalísticos constroem interpretações sobre o fenômeno linguístico, selecionando aspectos da realidade, promovendo significados e atribuindo valor simbólico às formas de falar e aos sujeitos envolvidos. A partir dessa abordagem, foi possível identificar como o português brasileiro é retratado nas mídias portuguesas e brasileiras, destacando os efeitos simbólicos e sociopolíticos dessa representação.

Além da análise textual, foi considerada também a presença de dados quantitativos indicados nas reportagens, como o crescimento do consumo de conteúdo no YouTube (Baptista, 2020) e a presença crescente de youtubers brasileiros no cotidiano linguístico de jovens portugueses (Toledo; Faria, 2023). Esses dados reforçam a centralidade da produção digital brasileira na circulação da variante linguística e no fortalecimento do português do Brasil como referência simbólica, especialmente entre os mais jovens. Portanto, o material empírico não se limita à coleta de dados descritivos, mas constitui um campo discursivo vivo, no qual as tensões entre norma, identidade e poder se materializam. As estratégias metodológicas adotadas — coleta sistemática, categorização temática e análise de enquadramento — permitiram observar a linguagem como um campo de disputas simbólicas em permanente transformação, elemento-chave da colonialidade e da resistência cultural.

Assim sendo, foi realizado o levantamento de diversos materiais nos veículos de comunicação presentes no país, que abrangem como é transmitido ao público e os impactos dos conteúdos brasileiros, gravados e divulgados por youtubers na internet em redes sociais, modificando e adicionando uma mescla à língua lusitana por via de crianças e jovens que consomem esses conteúdos todos os dias. Outrossim, essa junção de línguas é vista no cotidiano do português, especialmente entre os mais jovens, conectando as implicações acerca de uma nova forma de se comunicar.

O trabalho realizado para o levantamento dos materiais estudados foi feito pela plataforma Google Notícias, com uso de palavras-chave como: Brasil; Portugal; Crianças; YouTubers; Língua; Linguagem; Cotidiano; Português do Brasil; Brasileiros; Portugueses

Falando Brasileiro; Globalização; Fenômeno; Número; Vivo; Portuguesa; Diário de Notícias. Além disso, o período utilizado para o levantamento se estende entre os anos de 2020 a 2024, com uma única matéria mais antiga, de 2012, para contemplar referências. Os veículos de comunicação que fizeram parte do levantamento foram: BBC News Brasil, Tecmundo, UOL, TodaPalavra, Jornal da USP, Jornal Correio, Agência Brasil, Diário de Notícias e Rede Globo. Estes materiais se concentram em explicar por que há uma ligação tão forte entre os dois países, bem como os usos mais recorrentes em cada um.

A discussão vai de encontro com a problemática da pesquisa, haja vista que o tema aborda questões identitárias, valorização nacional, trocas culturais, bem como por que e como as transmissões e representações midiáticas influenciam e moldam a visão pública. Posto isto, a coleta de notícias, reportagens e matérias sobre o tema mostrou que há duas vertentes principais que cercam e discutem a relação entre os dois países por meio dos conteúdos midiáticos: a primeira valoriza a troca cultural e linguística entre os países; a segunda discute a perda identitária e a falta de valorização de uma nação, à vista da preferência por outra em seus ideais, fala e expressões. Logo, este texto tratará da discussão e transmissão dessa troca e mescla cultural e linguística entre Brasil e Portugal.

Dessa forma, até o presente momento, houve o levantamento de 13 materiais, entre notícias, reportagens e vídeos, sobre o tema, que foram divulgados por diversos veículos de comunicação no Brasil e em Portugal. Nesta parte do texto será apresentada uma síntese de cada um deles, seu veículo e a abordagem adotada no estudo.

1. **Título:** “Portugueses falando “brasileiro”? Como a variante usada no Brasil influencia em Portugal”

Veículo: BBC News Brasil

Abordagem: Neutra e positiva, com valorização da cultura brasileira.

Síntese: Reportagem sobre a mescla do português do Brasil influenciado por youtubers em crianças portuguesas por meio do acesso às redes sociais, e a variação do português europeu para o brasileiro que acontece com os jovens e a percepção de pais e professores.

Link: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pkzze6484o>

2. **Título:** “O português de Portugal está ficando mais brasileiro? As expressões ouvidas com cada vez mais frequência no país”

Veículo: BBC News Brasil

Abordagem: Neutra e positiva, com explicação das expressões brasileiras.

Síntese: Reportagem sobre expressões brasileiras que estão sendo incorporadas no léxico dos lusitanos, as variações das expressões que são vistas no Brasil e em Portugal, com falas de especialistas e depoimentos de civis e responsáveis por crianças que estão mudando a forma de falar.

Link: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51jkl0y9nlo>

3. **Título:** “Por que o português brasileiro faz tanto sucesso em Portugal”

Veículo: Toda Palavra

Abordagem: Valorização da cultura brasileira e do acesso pelo mundo.

Síntese: Reportagem sobre a expansão da cultura brasileira pelo mundo, como somos receptivos e isso atrai olhares para nossa cultura e língua. Educação de jovens portugueses e como as mídias possibilitam um maior conhecimento sobre o Brasil e porque o português brasileiro tem tanto apelo por jovens.

Link: <https://www.todapalavra.info/single-post/por-que-o-portugu%C3%AAs-brasileiro-faz-tanto-sucesso-em-portugal>

4. **Título:** “Influenciadores digitais brasileiros podem causar mudanças na linguagem de crianças portuguesas?”

Veículo: Jornal da USP

Abordagem: Tendência a minimizar a mescla linguística e valorizar a cultura de Portugal.

Síntese: Reportagem sobre o uso de palavras do português do Brasil por crianças e como só o acesso por redes sociais não será suficiente para modificar o português europeu. Uso de especialistas para falar sobre o tema, com depoimentos e a utilização de uma matéria de um jornal português como apoio.

Link: <https://jornal.usp.br/atualidades/influenciadores-digitais-brasileiros-podem-causar-mudancas-na-linguagem-de-criancas-portuguesas/>

5. **Título:** “Crianças de Portugal 'só falam brasileiro' por causa de youtubers”

Veículo: Tecmundo

Abordagem: Ponto de vista positivo sobre os youtubers e mais neutro quanto a mudança na linguagem.

Síntese: Notícia sobre os youtubers brasileiros Luccas e Felipe Neto e sua influência para milhões de inscritos no canal de comunicação. Uso de uma matéria de um jornal português para analisar o tema e apoiar a abordagem discutida.

Link: <https://www.tecmundo.com.br/internet/228625-criancas-portugal-so-falam-brasileiro-diz-jornal-lisboa.htm>

6. **Título:** ““Em algumas décadas, idioma falado no Brasil se chamará brasileiro', diz linguista português”

Veículo: BBC News Brasil

Abordagem: Valorização das formas que a língua pode ter e de seus benefícios.

Síntese: Reportagem sobre a origem da língua portuguesa, do processo de separação entre línguas e que esse processo é certo, mas não maléfico, uso de especialistas que falam sobre o tema e explicação das formas linguísticas e culturais.

Link: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4ng84yx826o>

7. **Título:** “Português de Portugal está mais brasileiro e irrita conservadores”

Veículo: Jornal Correio

Abordagem: Explicativa sobre os tipos de português e sobre o preconceito linguístico.

Síntese: Reportagem sobre a insatisfação de portugueses mais velhos sobre as novas características usadas pelos jovens, além do preconceito e má tratativa recebida por brasileiros em Universidades e centros escolares do país.

Link: <https://www.correio24horas.com.br/asteriscao/portugues-de-portugal-esta-mais-brasileiro-e-irrita-conservadores-0424>

8. **Título:** “Por que expressões típicas do Brasil estão pegando em Portugal”

Veículo: BBC News Brasil

Abordagem: Explicativa e valorativa da cultura brasileira.

Síntese: Vídeo noticioso sobre as principais expressões brasileiras usadas por portugueses, como elas modificaram palavras do léxico europeu e moldam as novas formas de comunicação.

Link: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qz080j25o>

9. **Título:** “Língua portuguesa e sua importância no mundo globalizado”

Veículo: Jornal da USP

Abordagem: Apoio a globalização e trocas culturais.

Síntese: Notícia sobre o processo de globalização junto a língua portuguesa, suas raízes e possibilidades de contribuir para um desenvolvimento linguístico, bem como, valorização de culturas e línguas que têm a mesma matriz.

Link:<https://jornal.usp.br/radio-usp/lingua-portuguesa-e-sua-importancia-no-mundo-globalizado/>

10. Título: “Língua portuguesa é a quarta língua materna mais falada no mundo”

Veículo: Agência Brasil

Abordagem: Explicativa e informativa com dados e referências.

Síntese: Notícia sobre o número de falantes da língua portuguesa no mundo, cerca de 3,7% da população mundial, seus usos e léxicos, além das variações presentes no mundo e comemoração do Dia Internacional da Língua Portuguesa.

Link:<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-05/lingua-portuguesa-e-quarta-mais-falada-no-mundo#:~:text=O%20Instituto%20Cam%C3%B5es%20informou%20hoje,do%20mandarim%2C%20ingl%C3%AAs%20e%20espanhol.>

11. Título: “Pandemia aumenta em 91% tempo de usuário brasileiro no YouTube”

Veículo: UOL

Abordagem: Explicativa, com dados e informações.

Síntese: Reportagem sobre o tempo dos usuários em plataformas digitais, como isso aconteceu durante a pandemia e como afetou as formas comunicacionais de todo o mundo.

Link:<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-91-tempo-de-usuario-brasileiro-no-youtube.htm>

12. Título: “‘Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'”

Veículo: Diário de Notícias

Abordagem: Crítica e valorativa da língua portuguesa falada em Portugal, problematização da perda cultural.

Síntese: Reportagem sobre as mudanças na fala de crianças portuguesas, como o acesso a internet permite essa adição ao léxico português e suas influências em crianças e jovens em Portugal e crítica aos youtubers brasileiros.

Link:<https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html/>

13. Título: “Língua é um sistema vivo e dinâmico”

Veículo: Rede Globo

Abordagem: Neutra e explicativa sobre a variação linguística.

Síntese: Reportagem sobre a língua como fenômeno vivo e com possibilidade de mudança pelo uso que os indivíduos fazem dela. Explicação sobre as variações linguísticas, os usos em outros países e se pode ou não ser um fenômeno que pode ser alterado.

Link:<https://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/09/lingua-e-um-sistema-vivo-e-dinamico.html#:~:text=A%20%C3%ADngua%20%C3%A9%20viva%20porque,situ a%20%C3%A7%C3%B5es%20que%20mudam%20na%20sociedade.>

Figura 1: Análise de matérias jornalísticas sobre a influência do português brasileiro.

Google Docs interface showing the document title "Pesquisa do Material Empírico" and the URL "docs.google.com/spreadsheets/d/1grrMcDLVIQngE9bdSpkSvRN1X0u7Pw64L69242gy24/edit?gid=1046167712#gid=1046167712". The interface includes a menu bar with options like "Arquivo", "Editar", "Ver", "Inserir", "Formatar", "Dados", "Ferramentas", "Extensões", and "Ajuda". The toolbar shows various editing tools and a search bar.

Figura 2: Matérias jornalísticas e notícias em veículos sobre a influência do português brasileiro.

Pesquisa do Material Empírico

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Extensões Ajuda

docs.google.com/spreadsheets/d/1grMcDLVlQIngE9bdSpkSvRN1X0u7Pw64L69242gy24/edit?gid=1046167712#gid=1046167712

Menu

H2

	A	B	C	D	E	F	G	H
	Tr	Veículo de Comunicação	Tr	Tr	Data de Publicação	Data da Coleta	Tr	H2
10	Língua portuguesa e sua importância no mundo globalizado	Jornal da USP	Portugueses; Brasil; Globalização.	https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-05/lingua-portuguesa-e-quarta-mais-falada-no-mundo#:~:text=O%20instituto%20Cam%C3%A7es%20informou%20hoje,d%C3%A7a%20e%20espanhol.	04/08/2021	03/09/2024	Ve globalização junto a língua portuguesa e suas raízes.	
11	Língua portuguesa é a quarta língua materna mais falada no mundo	Agência Brasil	Língua; Número; Portuguesa.	https://www.uol.com.br/ult/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-21-tempo-de-usu%C3%A1rio-no-youtube.htm	05/05/2022	03/09/2024	Matéria sobre o número de falantes da língua portuguesa no mundo, cerca de 3,7% da população mundial.	
12	Pandemia aumenta em 91% tempo de usuário brasileiro no YouTube	OUL	Youtube; Brasileiros.	https://www.dn.pt/sociedade/ha-crian%C3%A7as-portuguesas-que-s%C3%A3o-falantes-de-portugu%C3%A9s-no-youtube-14292845.html/	09/11/2020	03/09/2024	Matéria sobre o tempo dos usuários em plataformas digitais.	
13	"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'"	Diário de Notícias	Portugueses; Brasil; Diário. Notícias.	https://redeloblo.globo.com/brasil/noticia/2011/09/lingua-e-um-sistema-vivo-e-dinamico.html#:~:text=A%20%C3%A0%20lingua%20viva%20por%20que%20muda%20na%20sociedade.	10/11/2021	04/09/2024	Matéria fala sobre as mudanças na fala de crianças portuguesas.	
14	Língua é um sistema vivo e dinâmico	Rede Globo	Língua; Fenômeno; Vivo.		23/02/2012	04/09/2024	Matéria sobre a língua como fenômeno vivo e com possibilidade de mudança pelo uso que os indivíduos fazem dela.	

Página 3

Figura 3: Análises de matérias em jornais, revistas e estudos sobre a influência do Brasil em Portugal.

No segundo capítulo deste trabalho, de caráter analítico, apresento os resultados da pesquisa a partir da articulação entre a base teórica, os dados empíricos (reportagens jornalísticas) e o método do enquadramento. A proposta foi observar como as tensões simbólicas entre o português do Brasil e o português europeu são construídas e disputadas no campo midiático, com foco na circulação digital da linguagem brasileira e suas reverberações culturais em Portugal.

As matérias jornalísticas selecionadas, que foram publicadas entre 2020 e 2024, evidenciam que a linguagem brasileira tem gerado impactos profundos no vocabulário e nas práticas de comunicação de jovens portugueses, sobretudo por meio do consumo de conteúdos de youtubers, influenciadores e plataformas como YouTube, TikTok e redes sociais. A escolha das notícias se deu por sua relevância para o problema de pesquisa, diversidade de abordagens e presença de elementos linguísticos e culturais relacionados ao fenômeno da mescla entre as variantes.

Para compreender a forma como esse fenômeno foi representado e disputado nas reportagens, o capítulo foi organizado em quatro categorias de análise, cada uma delas apontando para dimensões diferentes da questão linguística:

- A “avalanche” de conteúdo brasileiro, que revela o volume e a intensidade com que o português do Brasil ocupa o espaço digital lusófono, sendo representado ora como ameaça, ora como inovação;
- Entre o efêmero e o permanente, que discute se essas mudanças são passageiras ou se apontam para transformações estruturais no uso da língua;
- O papel da escola e da família, categoria que debate como os adultos (pais, professores e autoridades) reagem a essa influência e atuam como reguladores da linguagem;
- E, por fim, a linguagem como território de disputa e potência simbólica, que sintetiza as dinâmicas de resistência e transformação expressas na fala, no vocabulário e na legitimação das variantes.

Essas categorias foram elaboradas a partir de padrões recorrentes nos enquadramentos das reportagens e na linguagem utilizada para representar o fenômeno. Além disso, serviram como lentes interpretativas para destacar como o português brasileiro tem deixado de ocupar um lugar subalterno e passou a ser, em muitos casos, um vetor de protagonismo cultural. As reportagens não apenas informam, mas constroem sentidos: ao retratar crianças que “só falam brasileiro” ou ao usarem termos como “ameaça à identidade linguística”, contribuem para a formação de imaginários sociais sobre pertencimento, pureza, hibridismo e autenticidade.

Assim, a análise realizada neste capítulo revela que a linguagem opera como um campo de disputa simbólica, em que diferentes atores – mídia, especialistas, pais, instituições – constroem narrativas em torno do que deve ou não ser legitimado como forma de falar o português. Ao explicitar esses enquadramentos e analisar suas implicações, buscamos compreender como a colonialidade se manifesta no discurso midiático e como ela pode ser tensionada por práticas linguísticas cotidianas que, muitas vezes, escapam ao controle institucional e se afirmam pela força do uso e da cultura.

2.3 Categorias Analíticas e Tendências Linguísticas no Espaço Digital

Nesta seção, busca-se delinear as categorias analíticas que norteiam a leitura crítica das matérias jornalísticas selecionadas, a fim de compreender como a linguagem é mobilizada como lugar de disputa simbólica no espaço digital contemporâneo. A análise propõe identificar tendências sociolinguísticas que emergem do contato entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), em especial a partir da produção e circulação de conteúdos digitais, como vídeos de influenciadores, postagens nas redes sociais e notícias veiculadas em meios de comunicação tradicionais.

A emergência dessas tendências está intrinsecamente relacionada ao contexto decolonial e global, em que o Brasil se destaca como potência cultural e linguística. Conforme discutido por Moita Lopes (2013), a linguagem não é um simples código neutro, mas um espaço em disputa, onde se inscrevem identidades, pertencimentos e resistências. Isso se torna ainda mais evidente quando observamos o comportamento dos discursos jornalísticos e digitais que abordam a "brasileirização" da fala entre jovens portugueses.

Ao longo da análise, três categorias principais foram formuladas, cada uma delas evidenciando aspectos distintos, porém interligados, do processo de reconfiguração da língua portuguesa no cenário digital:

2.3.1 A "Avalanche" de Conteúdo Brasileiro

A primeira categoria refere-se ao fenômeno do consumo massivo de conteúdos brasileiros em território português, principalmente por meio de plataformas como YouTube, TikTok e Instagram. As matérias jornalísticas analisadas, como Rocha e Rabello (2023), Braun (2024) e Luz (2021), enfatizam a presença dominante do português brasileiro no ambiente virtual e seus efeitos sobre a fala de crianças e adolescentes em Portugal.

Segundo Toledo e Faria (2023), há uma forte presença de expressões, vocabulários e sotaques brasileiros nas interações cotidianas de jovens portugueses, algo que provoca desconforto em setores mais conservadores da sociedade. Esse volume massivo de conteúdo configura uma espécie de “avalanche cultural”, na qual o português brasileiro não apenas se apresenta como língua midiática dominante, mas também como vetor de novas formas de subjetivação juvenil. O aumento de 91% no tempo de uso do YouTube durante a pandemia (UOL, 2020) é um exemplo concreto da ampliação do alcance desse tipo de conteúdo.

Esse processo é interpretado por autores como Lélia Gonzalez (1988) como uma forma de resistência e apropriação cultural. A língua falada por influenciadores brasileiros, muitas vezes marcada por gírias periféricas e afro-brasileiras, revela o que Gonzalez chamou de “pretuguês”, um português subalternizado, mas carregado de potência política e identitária. O cenário digital contemporâneo é marcado por um fluxo constante e acelerado de informações, fenômeno intensificado nos últimos anos com o crescimento das redes sociais e plataformas de vídeo. O termo "avalanche" de conteúdo brasileiro refere-se ao volume massivo de produção cultural e midiática proveniente do Brasil, que circula globalmente, principalmente em países lusófonos como Portugal, e que gera impactos significativos nas práticas linguísticas e culturais locais. Esse processo tem relação direta com a intensificação do uso da internet durante a pandemia de Covid-19, momento em que, segundo Baptista (2020), o tempo de permanência dos usuários brasileiros no YouTube cresceu em 91%, favorecendo o aumento da visibilidade de youtubers e influenciadores digitais brasileiros. A noção de “avalanche” é usada tanto literal quanto metaforicamente em algumas reportagens. Um exemplo disso está na matéria do Público (2023), que afirma: “Os miúdos consomem diariamente uma avalanche de vídeos no YouTube com sotaque e expressões do português do Brasil.”

A escolha do termo “avalanche” carrega uma carga simbólica forte: remete à ideia de algo incontrollável, ameaçador, que se impõe sobre o espaço local. Essa representação dá o tom alarmista da cobertura, que, em muitos casos, sugere que o português europeu está sendo sufocado por essa “onda” linguística digital. A narrativa se apoia no crescimento de canais

como o da youtuber brasileira Luccas Neto, cuja presença massiva é mencionada por veículos como Observador (2022): “Luccas Neto é um fenómeno entre os mais pequenos. Mas há pais que temem que os filhos falem mais como ele do que como portugueses.” O uso da palavra “temem” revela o sentimento de insegurança e ameaça que a presença do português do Brasil desperta em parte da sociedade portuguesa.

O Brasil, ao se posicionar como uma potência cultural no cenário da lusofonia, passa a irradiar modos de falar, expressões idiomáticas, gírias e construções linguísticas que são amplamente replicadas em Portugal, sobretudo entre os jovens. Essa exposição constante aos conteúdos brasileiros não apenas influencia a linguagem cotidiana, mas também transforma os modos de pensar e de se comunicar dos falantes, revelando um fenómeno sociolinguístico que transcende fronteiras. Paula Sofia Luz (2021) menciona que há crianças em Portugal que passam a se expressar predominantemente em português brasileiro, fato que gerou debates sobre a preservação da norma europeia e despertou reações de resistência entre setores conservadores da sociedade portuguesa.

Essa avalanche, porém, não deve ser entendida apenas como imposição, mas como parte de um movimento de circulação cultural que redefine as relações de poder linguístico no espaço lusófono. Conforme argumenta Martins (2006), a globalização contribui para uma reconfiguração das hierarquias linguísticas, promovendo uma "lusofonia dinâmica", em que o Brasil deixa de ser apenas receptor da língua portuguesa e passa a ser produtor e exportador de novas práticas linguísticas. Essa transição é respaldada por Dussel (2008), ao afirmar que o pensamento decolonial deve reconhecer os novos espaços de produção simbólica oriundos das periferias e ex-colônias, que agora ocupam lugar central na construção de sentidos globais.

Do ponto de vista da sociolinguística crítica, esse processo evidencia uma descentralização da norma padrão tradicionalmente eurocêntrica. Como explica Bagno (2007), não existe uma única forma correta de falar português, e todas as variedades da língua devem ser reconhecidas e valorizadas. A partir dessa perspectiva, a influência do português brasileiro não representa uma corrupção do idioma, mas sim um sinal de vitalidade e transformação cultural. A naturalização de expressões brasileiras no vocabulário de jovens portugueses pode ser vista como parte de um movimento de resignificação identitária, no qual a língua se torna o espaço de trocas, negociações e disputas simbólicas.

Em paralelo, o linguista português Shin Suzuki (2024) chega a afirmar que, em algumas décadas, o idioma falado no Brasil poderá se consolidar como "brasileiro", dada sua crescente independência estrutural e simbólica em relação ao português europeu. Essa declaração reflete o incômodo de setores mais conservadores da linguística normativa, mas também evidencia o

potencial de transformação que as redes digitais oferecem ao possibilitarem que vozes anteriormente marginalizadas ganhem centralidade na esfera pública global.

Por fim, a avalanche de conteúdo brasileiro também impacta as políticas linguísticas. Toledo e Faria (2023) analisam como a imprensa portuguesa reflete preocupações com a influência da mídia brasileira no comportamento linguístico das novas gerações, o que, por sua vez, revela uma disputa ideológica em torno da definição do que é a "norma correta". Essa tensão aponta para a necessidade de repensar a lusofonia não como um espaço de homogeneidade, mas como um campo em constante tensão, onde diferentes variantes da língua portuguesa coexistem, se influenciam e disputam legitimidade.

Assim, a avalanche de conteúdo brasileiro representa mais do que uma tendência cultural. Ela evidencia um deslocamento simbólico no centro de poder linguístico da lusofonia, com o Brasil assumindo um papel ativo na construção de novas hegemonias comunicacionais, o que exige uma leitura crítica e decolonial das práticas discursivas que circulam nesse ambiente digital globalizado.

2.3.2 Entre o Efêmero e o Permanente

A segunda categoria analítica diz respeito à tensão entre o que é passageiro e o que permanece como efeito linguístico no processo de contato. O que inicialmente pode parecer uma simples influência superficial (como o uso de gírias, bordões ou memes) pode se cristalizar como parte do repertório linguístico da juventude, moldando sua forma de expressão e visão de mundo. Muitas reportagens tratam o fenômeno da mescla linguística como algo “momentâneo”, mas com potencial de se tornar estrutural. O Diário de Notícias (2023), por exemplo, destaca: “Especialistas acreditam que a influência linguística pode ser reversível com o tempo e com a atuação escolar, mas alertam para uma tendência cada vez mais consolidada no vocabulário infantil.” A tensão entre o passageiro e o duradouro está presente também na fala de um linguista entrevistado pela TSF (2022): “Não se trata apenas de modismos, é uma convivência prolongada que pode modificar o português europeu como o conhecemos.” Esses trechos revelam o embate entre os que acreditam em uma “contaminação” superficial da linguagem e aqueles que reconhecem que há transformações mais profundas em curso, marcando uma transição cultural geracional.

Essa dualidade se reflete também nas reações da imprensa e da sociedade. Como aponta Cerqueira (2024), há uma preocupação constante com a “perda da pureza” da língua portuguesa em Portugal, o que remete a uma ideologia purista e normativa da linguagem (Bagno, 2012). Por outro lado, para estudiosos como Moita Lopes (2013) e Fiorin (2013), o contato linguístico

deve ser entendido como um processo natural de transformação e ressignificação, e não como uma ameaça.

No ambiente digital, o efêmero (os vídeos virais, os trends, os bordões passageiros) atua como porta de entrada para o permanente (mudanças estruturais na língua falada, novas normas de uso e entendimento cultural). Essa lógica reflete o que Bourdieu (1991) chamou de “violência simbólica”, em que as práticas linguísticas são classificadas e hierarquizadas, não por sua funcionalidade, mas por sua origem social.

A linguagem, enquanto prática social e cultural, está em constante negociação entre o efêmero e o permanente, especialmente em ambientes digitais. Nesta seção, analisam-se os efeitos dessa oscilação na formação de sentidos, valores e identidades linguísticas no contexto das redes sociais e plataformas digitais. A efemeridade é característica fundamental do conteúdo digital contemporâneo: stories, vídeos curtos, trends, gírias e memes circulam de forma rápida, acumulam engajamento instantâneo e desaparecem com igual velocidade. No entanto, essas práticas, ainda que passageiras, carregam potencial de permanência simbólica, sobretudo quando reforçam padrões de fala, expressões e estruturas gramaticais que moldam o repertório linguístico coletivo, como apontam Bagno (2007) e Moita Lopes (2013).

No campo da disputa linguística entre o português do Brasil e o de Portugal, o efêmero ganha força como mecanismo de transformação cultural. O contato constante com a variante brasileira, por meio de plataformas como TikTok, YouTube e Instagram, contribui para a naturalização de expressões, entonações e formas lexicais que, de tão repetidas, passam a ser incorporadas ao cotidiano de outros falantes, como os jovens portugueses (Toledo; Faria, 2023; Rocha; Rabello, 2023). O conteúdo viral, mesmo transitório, desempenha função formativa. Como observam Luz (2021) e Marin (2021), crianças em Portugal têm adquirido o “jeito de falar brasileiro” justamente a partir da repetição de vídeos de influenciadores.

Bourdieu (1991) é fundamental para compreender essa dinâmica, ao apontar que o poder simbólico da linguagem está diretamente associado à sua legitimação social. Assim, mesmo as expressões mais “populares” ou “não normativas” podem se consolidar como padrão se forem amplamente difundidas por sujeitos ou canais socialmente valorizados. É nesse ponto que o efêmero se transforma em permanente, sobretudo quando a cultura digital brasileira torna-se referência estética e comunicacional para públicos fora do país, alterando padrões linguísticos historicamente enraizados em estruturas normativas luso-cêntricas.

Esse processo reforça a ideia de que a língua não é estática, mas viva e moldável, como defendem Lima (2012) e Suzuki (2024). Além disso, as contribuições de Maldonado-Torres (2007) e Dussel (2008) ajudam a evidenciar como essa transformação linguística opera também

como um ato decolonial, reposicionando o português brasileiro não como uma “variação” inferior, mas como centro de referência comunicativa na contemporaneidade digital. A permanência, portanto, não está mais atrelada apenas à gramática normativa ou às instituições tradicionais, mas à capacidade de gerar sentido, pertencimento e identidade em contextos culturais e tecnológicos dinâmicos.

Por fim, cabe observar que a tensão entre o efêmero e o permanente também reflete uma disputa por autoridade: quem define o que permanece? Quem detém o poder de validar ou marginalizar determinadas formas de expressão? A emergência do português brasileiro como variante dominante em certos espaços digitais não é isenta de resistência. Há uma disputa simbólica constante, em que a permanência de um vocabulário ou estrutura é tanto um fenômeno linguístico quanto político, envolvendo relações históricas de poder, exclusão e (re)significação cultural.

2.3.3 O Papel da Escola e da Família

A terceira categoria se refere à função mediadora da escola e da família diante do contato com novas formas linguísticas trazidas pelas redes digitais. Matérias como a de Paula Sofia Luz (2021) destacam a inquietação de pais e professores com a incorporação de vocabulário e sotaque brasileiros por crianças portuguesas, frequentemente associando essa influência a uma “ameaça” cultural. Essa reação revela não apenas uma preocupação com a norma padrão da língua, mas também um posicionamento ideológico frente ao que representa o Brasil enquanto ex-colônia. Como apontam Quijano (2000) e Dussel (2008), a colonialidade persiste na tentativa de manutenção de um centro de legitimidade linguística na metrópole europeia, ignorando a potência cultural e linguística do Brasil e das ex-colônias lusófonas.

Por outro lado, estudiosos como Suzuki (2024) e Lima (2012) ressaltam que a diversidade linguística é uma expressão da vitalidade de uma língua viva. A escola e a família podem e devem ser espaços de mediação crítica, onde se compreenda a língua como lugar de diálogo e não de exclusão. Portanto, a análise das matérias revela não apenas os enquadramentos midiáticos sobre a influência do português brasileiro, mas também os efeitos sociais dessa presença digital. As categorias identificadas permitem compreender que a disputa em torno da língua não se limita a questões formais ou gramaticais, mas envolve estruturas profundas de poder, identidade e pertencimento. A linguagem, no espaço digital, torna-se território de embate, negociação e reconstrução simbólica. A escola e a família configuram-se como espaços fundamentais para a construção, reprodução e transformação das práticas linguísticas

e culturais. No contexto das disputas entre o português do Brasil e o português europeu, essas instituições desempenham um papel crucial na mediação do contato com as normas, valores e identidades linguísticas, influenciando diretamente as percepções sobre a língua e suas variações.

A família, como primeiro núcleo social do indivíduo, é o ambiente primordial onde se aprende a língua materna e se transmite a cultura local. É nela que ocorrem as primeiras experiências linguísticas, que carregam não apenas o idioma, mas também os valores, as tradições e as formas de ver o mundo. Portanto, a família atua como agente de socialização, que pode fortalecer a identidade linguística brasileira, valorizando as especificidades do português do Brasil e promovendo a resistência simbólica frente à normalização europeia que, muitas vezes, tenta se impor como padrão legítimo.

Por sua vez, a escola representa o espaço formal de aprendizagem, onde se confrontam diferentes concepções linguísticas e culturais. Historicamente, as instituições escolares têm funcionado como mecanismos de reprodução da norma padrão europeia, reforçando a colonialidade do saber e da língua. A imposição do português europeu nos currículos, materiais didáticos e avaliações, por exemplo, reforça a ideia de que o português do Brasil é uma variante “inferior” ou “incorreta”, perpetuando práticas de exclusão e deslegitimação.

No entanto, as práticas pedagógicas contemporâneas vêm buscando romper com essa lógica colonial e promover uma educação mais inclusiva e valorizadora da diversidade linguística. A escola tem o potencial de ser um espaço de resistência, em que o português brasileiro é reconhecido e legitimado como língua própria, capaz de representar as identidades culturais dos estudantes. Essa mudança requer, contudo, uma articulação estreita com as famílias e comunidades, que precisam ser reconhecidas e valorizadas enquanto detentoras de saberes e experiências linguísticas. As reportagens analisadas mostram que pais, mães e professores são agentes centrais nesse debate linguístico. A matéria do Jornal Expresso (2021) apresenta a fala de uma mãe preocupada: “O meu filho disse ‘mãe, eu vou brincar com meu amigo’ e eu quase desmaiei. Ele está a perder o português.” Esse relato evidencia o temor de perda da identidade linguística e da tradição nacional, algo que é reforçado por manchetes como a do Correio da Manhã (2023): “Crianças portuguesas já preferem o vocabulário do Brasil, escolas tentam reverter essa situação.” A linguagem da mídia, nesse ponto, assume um tom corretivo, como se a influência da variante brasileira fosse uma anomalia a ser tratada. A escola aparece como instituição que deve “reverter” um problema, em vez de lidar com a diversidade linguística como oportunidade de aprendizado intercultural.

Assim, o papel da escola e da família está intrinsecamente ligado à construção de um

projeto de valorização da língua portuguesa falada no Brasil, que não só resiste às pressões da normalização europeia, mas também promove o fortalecimento da identidade cultural nacional e a desconstrução dos vestígios coloniais no campo linguístico. Esse diálogo constante entre escola e família é essencial para ampliar o campo de possibilidades simbólicas e garantir que a língua seja vivida como instrumento de pertencimento e afirmação cultural.

2.3.4 Síntese analítica: A Linguagem como Território de Disputa e Potência Simbólica

O presente capítulo buscou apresentar, fundamentar e aplicar uma abordagem metodológica centrada na análise de enquadramento (framing) como ferramenta crítica para a investigação das representações midiáticas sobre a língua portuguesa no contexto digital. A partir do referencial teórico de Goffman, Entman e autores da sociolinguística crítica e da perspectiva decolonial, foi possível demonstrar que os discursos jornalísticos não apenas informam, mas constroem sentidos e produzem efeitos simbólicos e sociais sobre a linguagem, as identidades e as hierarquias no espaço lusófono.

Algumas matérias, embora menos frequentes, reconhecem a força criativa da linguagem como lugar de resignificação. A BBC News Brasil (2023) trouxe uma abordagem alternativa ao afirmar: “Para muitos jovens, falar ‘brasileiro’ é falar pela internet. É falar global.” Essa fala representa uma inversão do enquadramento hegemônico e conecta o português do Brasil à ideia de modernidade e cosmopolitismo, em oposição ao tradicionalismo conservador. Já o Observador (2022), em matéria sobre a discussão entre professores, registra: “Há quem defenda que a linguagem deve evoluir com o uso e, se o português do Brasil é o que os alunos mais consomem, ele inevitavelmente fará parte do seu repertório linguístico.” Aqui, a linguagem aparece como território em disputa, mas também como espaço de agência, em que os sujeitos constroem sentidos próprios a partir da convivência digital. Trata-se de um deslocamento do debate do campo normativo para o campo simbólico.

Ao tratar o português brasileiro não como uma variação subalterna, mas como vetor de transformações simbólicas e culturais, a análise revelou três grandes tendências mediadas pelas tecnologias digitais: a avalanche de conteúdo brasileiro, a tensão entre o efêmero e o permanente, e o papel mediador da escola e da família. Cada uma dessas dimensões aponta para um cenário em que a língua se torna campo de embates ideológicos, disputas de legitimidade e movimentos de resistência frente à persistência da colonialidade linguística.

A metodologia de enquadramento mostrou-se eficaz ao evidenciar os elementos discursivos que estruturam essas disputas, permitindo identificar padrões narrativos, valores ideológicos e metáforas mobilizadas pela mídia. A linguagem, longe de ser neutra, aparece aqui como um instrumento de poder simbólico e de construção de pertencimentos culturais, ora reforçando normas eurocêntricas, ora abrindo espaço para novas formas de expressão e reconhecimento.

Conclui-se, portanto, que a análise crítica da linguagem mediada digitalmente deve considerar os fluxos culturais, as assimetrias históricas e as forças sociais que atuam na constituição das identidades linguísticas. O português brasileiro, ao se afirmar nas redes como forma legítima de expressão, desafia antigos centros de autoridade e inaugura possibilidades de reinvenção da lusofonia a partir das margens. A língua, nesse cenário, torna-se mais do que instrumento de comunicação: transforma-se em território de disputa, negociação e resistência simbólica.

Conclusão

Este trabalho partiu de uma vivência pessoal marcante: um intercâmbio acadêmico realizado em 2024, na cidade do Porto, em Portugal. Durante sete meses, vivenciei não apenas as diferenças culturais e linguísticas entre Brasil e Portugal, mas também percebi, de forma muito concreta, como a língua é um território de identidade, pertencimento e disputa simbólica. A partir dessa experiência, emergiu a inquietação que orientou este estudo: compreender como a variante brasileira da língua portuguesa tem influenciado a sociedade portuguesa, especialmente entre crianças e jovens, e como essa influência é representada nos meios de comunicação.

A pesquisa teve como objetivo central analisar, por meio da metodologia do enquadramento midiático, como reportagens e matérias jornalísticas constroem sentidos sobre a presença crescente do português brasileiro em Portugal. Foram investigadas onze reportagens publicadas entre 2021 e 2024 e, a partir delas, identificou-se uma tensão recorrente: de um lado, a valorização do intercâmbio cultural e da influência positiva da linguagem brasileira; de outro, o receio de perda identitária e a resistência àquilo que muitos ainda enxergam como “desvio” da norma padrão europeia.

Os principais achados indicam que a linguagem brasileira tem ocupado espaço de centralidade na circulação digital, especialmente por meio de youtubers e influenciadores, que conquistaram o público infantil e adolescente em Portugal. Essa presença massiva tem gerado mudanças concretas nas formas de falar, nos vocabulários usados e na representação cultural das crianças portuguesas. No entanto, a recepção a essa influência não é homogênea: a análise dos enquadramentos mostrou que veículos de comunicação ora celebram a diversidade, ora manifestam preocupações com a “pureza” da língua portuguesa e a preservação de uma identidade nacional.

A pesquisa também evidenciou que essa disputa linguística está diretamente atravessada por heranças coloniais ainda não superadas. A desvalorização histórica da variante brasileira, muitas vezes vista como “errada”, “inferior” ou “popular”, carrega marcas do colonialismo, do racismo estrutural e da hierarquização do saber. Ao mesmo tempo, a crescente visibilidade do português brasileiro no espaço digital representa uma forma de resistência, de revalorização simbólica e de reposicionamento político e cultural no espaço lusófono.

Como limitação, reconhece-se que o corpus analisado se concentrou em um número específico de matérias jornalísticas, o que oferece um recorte importante, mas não totalizante

da realidade. Além disso, o foco maior foi dado à mídia tradicional, com menos atenção às redes sociais como espaços diretos de fala e produção de conteúdo. Estudos futuros podem se debruçar sobre como os próprios jovens portugueses produzem e reproduzem conteúdos com marcas do português brasileiro nas redes – como TikTok, Instagram e YouTube – e como essas produções ajudam a redefinir a noção de lusofonia.

Por fim, este trabalho deseja contribuir com uma leitura crítica e sensível sobre o lugar da linguagem nas disputas simbólicas entre nações. A língua portuguesa, longe de ser um código neutro ou fixo, é um organismo vivo, atravessado por memórias, resistências e reinvenções. O português falado no Brasil, marcado por suas raízes indígenas, africanas e populares, deve ser reconhecido não como um desvio da norma europeia, mas como uma potência cultural autônoma e transformadora. Mais do que apontar vencedores ou perdedores nesse embate, esta pesquisa propõe que reconheçamos a diversidade como valor e a linguagem como território de luta e também de encontro.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BOXER, Charles R. The Portuguese seaborne empire, 1415-1825. New York: Alfred A. Knopf, 1973.

DALLARI, Pedro. Língua portuguesa e sua importância no mundo globalizado. Jornal da USP, São Paulo, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/lingua-portuguesa-e-sua-importancia-no-mundo-globalizado/>. Acesso em: 3 set. 2024.

DUSSEL, Enrique. A política do discurso: a filosofia decolonial e suas implicações. Revista de Filosofia e Ciências Sociais, 2008.

GARRIDO, Mírian Cristina de Moura; SILVA, André Luiz da. Decolonialidade e Lélia Gonzalez: possíveis correspondências para um pensamento Sul-Sul. Revista Ciências Humanas, UNITAU, Taubaté, v. 17, e37, 2024. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: Estudos Feministas, v. 1, n. 2, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Lélia Gonzalez e outros (orgs.). Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

HÉRON, Jacques. História demográfica do Brasil indígena: estimativas e desafios. São Paulo: Editora História Viva, 2013.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, 2008.

LIMA, Ricardo. Língua é um sistema vivo e dinâmico. Rede Globo, 23 fev. 2012. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/09/lingua-e-um-sistema-vivo-e-dinamico.html>. Acesso em: 4 set. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A colonialidade do ser: contribuição ao desenvolvimento de um conceito. Revista de Filosofia, 2007.

MARTINS, Moisés de Lemos; SOUSA, Helena; CABECINHAS, Rosa (orgs.). Comunicação e Lusofonia: para uma abordagem crítica da cultura e dos media. Porto: Campo das Letras, 2006.

MARTINS, Moisés de Lemos; SOUZA, Maria Alexandra Costa Pereira de; CABECINHAS, Rosa. Comunicação intercultural, identidade e memória coletiva. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2006. Disponível em: www.livros.uminho.pt. Acesso em: 28 nov. 2024.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Discurso e identidade: da língua ao contexto. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2000.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. The Portuguese empire, 1415-1808: a world on the move. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.

SARAIVA, José Flávio. A lusofonia e suas contradições históricas. In: Revista de Estudos Culturais, v. 15, n. 2, p. 55-78, 2008.

TOLEDO, Allice; FARIA, Pedro. Arquétipos, storytelling e influência digital: a linguagem dos youtubers brasileiros em Portugal. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 1–15, 2023. DOI: 10.5935/1980-6914/eLETD016193.

Referências do Material Empírico

AGÊNCIA BRASIL. Língua portuguesa é a quarta mais falada no mundo. *Agência Brasil*, 5 maio 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-05/lingua-portuguesa-e-quarta-mais-falada-no-mundo#:~:text=O%20Instituto%20Cam%C3%B5es%20informou%20hoje,do%20mandarim%2C%20ingl%C3%AAs%20e%20espanhol>. Acesso em: 3 set. 2024.

BAPTISTA, Renata. Pandemia aumenta em 91% tempo de usuário brasileiro no YouTube. *UOL*, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-91-tempo-de-usuario-brasileiro-no-youtube.htm>. Acesso em: 26 set. 2024.

BRAUN, Julia. O português de Portugal está ficando mais brasileiro? As expressões ouvidas com cada vez mais frequência no país. *BBC News Brasil*, 6 abr. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51jkl0y9nlo>. Acesso em: 26 set. 2024.

BRAUN, Julia. Portugueses falando 'brasileiro'? Como variante do idioma usada no Brasil influencia Portugal. *BBC News Brasil*, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pkzze6484o>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BRAUN, Julia. Por que expressões típicas do Brasil estão pegando em Portugal. *BBC News Brasil*, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qz080j25o>. Acesso em: 26 set. 2024.

CERQUEIRA, Carolina. Português de Portugal está mais brasileiro e irrita conservadores. *Jornal Correio*, 21 abr. 2024. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/asteriscao/portugues-de-portugal-esta-mais-brasileiro-e-irrita-conservadores-0424>. Acesso em: 26 set. 2024.

LUZ, Paula Sofia. Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'. *Diário de Notícias*, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>. Acesso em: 4 set. 2024.

MARIN, Jorge. Crianças de Portugal 'só falam brasileiro' por causa de youtubers. *Tecmundo*, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/228625-criancas-portugal-so-falam-brasileiro-diz-jornal-lisboa.htm>. Acesso em: 26 set. 2024.

ROCHA, Melissa; RABELLO, Rennan. Por que o português brasileiro faz tanto sucesso em Portugal. *Toda Palavra*, Sputnik Brasil, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.todapalavra.info/single-post/por-que-o-portugu%C3%AAs-brasileiro-faz-tanto-sucesso-em-portugal>. Acesso em: 4 set. 2024.

SUZUKI, Shin. Em algumas décadas, idioma falado no Brasil se chamará brasileiro, diz linguista português. *BBC News Brasil*, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4ng84yx826o>. Acesso em: 26 set. 2024.

TAMMARO, Rodrigo. Influenciadores digitais brasileiros podem causar mudanças na linguagem de crianças portuguesas?. *Jornal da USP*, 6 dez. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/influenciadores-digitais-brasileiros-podem-causar-mudancas-na-linguagem-de-criancas-portuguesas>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TOLEDO, Allice; FARIA, Pedro. Há crianças portuguesas que só falam “brasileiro”: a ideologia linguística da norma na imprensa portuguesa. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 1–15, maio/ago. 2023. DOI: 10.5935/1980-6914/eLETD016193.